

De: "carlosnambu" carlosnambu@terra.com.br
Para: "carlosnambu" carlosnambu@terra.com.br
Cópia:
Data: Mon, 20 Feb 2006 20:04:58 -0300
Assunto: Informes Folha online.

----- Cabeçalho original -----

De: per_educa@yahoogrupos.com.br
Para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Cópia:
Data: Sun, 19 Feb 2006 18:35:30 -0000
Assunto: [per_educa] Informes Folha online.

São Paulo, sábado, 18 de fevereiro de 2006

URBANISMO

Prefeitura retirou barracos de área embaixo de viaduto; maioria preferiu dormir na calçada a ir para abrigo

Operação no Glicério deixa catadores de lixo desabrigados

DA REPORTAGEM LOCAL

A catadora de lixo Irene Farias dos Santos, 36, dormia ontem na calçada com os 14 filhos "da própria barriga" e dois "de criação", a cem metros do barraco de madeira onde ela morava desde 2001 e que foi colocado abaixo anteontem pela Prefeitura de São Paulo.

Assim como Irene, outros catadores foram retirados de um espaço debaixo da ligação Leste-Oeste, na baixada do Glicério, região central, que era utilizado para a triagem de material reciclável e também para muitos dormirem.

A ação fez parte da operação da Subprefeitura da Sé para revitalizar a região degradada. Mas a maioria dos quase 40 desalojados só se mudou para a calçada, do outro lado da rua. "A diferença é que ali eu tinha um "tetozinho" e era mais difícil para alguém roubar minhas coisas", afirmou Francisca Pedra Cardoso, 60, que perdeu armário e TV na operação. Ontem, ela teve de dormir com seu marido numa praça.

A proposta da prefeitura é que eles fossem para albergues, mas a maioria rejeitou, principalmente sob dois argumentos: os horários de entrada e saída são incompatíveis com a atividade de catar lixo; e eles não teriam como levar os seus móveis e eletrodomésticos.

Irene dava uma razão adicional -não queria se separar nem dos filhos mais velhos. A sugestão da prefeitura era que ela fosse para um albergue só com os 13 menores de 18 anos, enquanto os demais ficariam em outro endereço.

As famílias viviam na baixada do Glicério em situação precária, ao lado do material que é separado para reciclagem, junto com sujeira, baratas e ratos. Não havia rede de água e os barracos tinham ligações clandestinas de energia.

Ontem, a prefeitura decidiu que eles poderão voltar para lá provisoriamente, mas só para fazer a reciclagem. Para dormir, não.

Na madrugada, alguns queimaram na rua parte do material recolhido. Um jovem reclamou de agressão de GCMs, que negaram.

A retirada dos catadores foi tensa anteontem. No barraco de Irene, os agentes começaram a tirar as madeiras enquanto dez crianças estavam lá dentro. Antes que alguma ficasse ferida -havia gêmeos de apenas cinco meses-, a GCM (Guarda Civil Metropolitana) se negou a continuar ajudando a derrubada do barraco.

Segundo a subprefeitura, a mãe colocou os filhos dentro do barraco para evitar a derrubada. Só às 13h30, uma assistente social e uma psicóloga chegaram ao local. A Sé afirmou que a assistência social esteve na área para conversar com as famílias pela manhã e em dias anteriores à ação.

A prefeitura abordou 153 pessoas na região do dia 8 ao 10: 64 foram para albergues, 44 recusaram atendimento e 20 tinham residência. Foram derrubados dez barracos debaixo do viaduto.

fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1802200630.htm>

São Paulo, domingo, 19 de fevereiro de 2006

MÔNICA BERGAMO

MÔNICA BERGAMO

São Paulo, domingo, 19 de fevereiro de 2006

Fonte: <http://www1.foia.uol.com.br/fsp/colibri/vf1802500630.htm>

destruidos dos barracos abaixo do viaduto. Para alibetear, 44 recusaram atendimento e 30 tinham residência. Foram A prefeitura aborreu 153 pessoas na região do dia 8 ao 10: 64 foram estives na área para conversar com as famílias pois manhã e em dias psicólogos chegaram ao local. A 3ª afirmou que a assistência social para evitar a destruição. Só as 13h30, uma assistência social e uma Segundo a superintendente, a mãe colocou os filhos dentro do barraco ajudando a destruição do barraco.

mesas, a GCM (Guarda Civil Metropolitana) se negou a continuar dentro. Antes que alguns lixões furtivos - havia gêmeos de apenas cinco meses começaram a tirar as madeiras enquanto das crianças estavam lá A retirada dos catadores foi feita anteriormente. No barraco de lixão, os jovens reclamam de agressão de GCMs, que negaram. Um provisoriamente, mas só para fazer a reciclagem. Para dormir, não. Ocasionalmente, a prefeitura decidiu que eles poderiam voltar para lá clandestinas de energia.

pratas e ratos. Não havia rede de água e os barracos tinham lixões lado do material que é separado para reciclagem, junto com sujeira. As famílias vivem na paisagem de Glicério em situação precária, ao alibetear só com os 13 menores de 18 anos, enquanto os demais ficaram mais velhos. A sugestão da prefeitura era que eles fossem para um lixão dava uma razão adicional - não queria se separar nem dos filhos eles não teriam como levar os seus móveis e eletrodomésticos. entrada e saída são incompatíveis com a atividade de catar lixo, e maioria rejeitou, principalmente sob dois argumentos: os horários de A proposta da prefeitura é que eles fossem para alibetear, mas a operação. Ontem, ela teve de dormir com seu marido numa praça.

estamos Francisco Cardoso, 60, que perdeu armarão e TV na um "festão" e era mais difícil para alguns receber minhas coisas". Para a cidade, do outro lado da rua. "A diferença é que ali eu tinha região destruída. Mas a maioria dos quase 40 desalojados só se mudou A ação faz parte da operação de Superintendência de 2ª para revitalizar também para muitos dormirem.

central, que era utilizado para a criação de material reciclável e Assim como lixão, outros catadores foram retirados de um espaço de baixo da ligação Leite-Café, na paisagem de Glicério, região colocada abaixo anteriormente pela Prefeitura de São Paulo. com metros do barraco de madeiras onde eles morava desde 2001 e que foi A cidade com os 13 filhos "da próxima partida" e dois "de criação", e a A catadora de lixo Irene Farias dos Santos, 36, dormiu ontem na

DA REPORTAGEM LOCAL

Operação no Glicério deixa catadores de lixo desolados

Preletura retirou barracos de área empobrecida de viaduto; maioria preferiu dormir na calçada a ir para abrigo

URBANISMO

São Paulo, sábado, 18 de fevereiro de 2006

Assunto: [per_educ] Informes Folha online.

Data: Sáb, 19 Feb 2006 18:35:30 -0000

Cópia:

Para: per_educ@yahoogrupos.com.br

De: per_educ@yahoogrupos.com.br

----- Cabeçalho original -----

Assunto: Informes Folha online.

Data: Mon, 20 Feb 2006 20:04:28 -0300

Cópia:

Para: "Carionambr" carionambr@terra.com.br

De: "Carionambr" carionambr@terra.com.br

Baile infantil

Numa iniciativa para "melhorar a auto-estima das crianças", Serra acaba recebendo um fugitivo da Febem em seu gabinete

T.S., 16, de braços cruzados, está impaciente na sala de espera do gabinete do prefeito José Serra. "O Motosserra vai demorar muito?", questiona. O garoto, de camiseta regata e colar de sementes, está cansado de esperar. Com um grupo de outras 25 crianças carentes, ele foi escalado para visitar o prefeito em seu local de trabalho.

A idéia era colocar as crianças em três Kombis, levar para o gabinete, subir até os jardins suspensos do edifício Matarazzo, visitar a Oca, no Ibirapuera, e entregá-las de volta para o Centro de Referência da Criança e do Adolescente de Santana, onde vivem. Muitas são crianças de rua. Outras de orfanatos ou foram tiradas da família pelo Conselho Tutelar. Aguardam no centro o destino que será dado a elas.

Tudo no passeio era para ser lindo, divino e maravilhoso. Não fosse por um detalhe: T.S. era fugitivo da Febem. O garoto, reconheça-se, deu um baile: não apenas conseguiu burlar a segurança da instituição como foi acolhido por um centro de referência oficial da prefeitura e, incluído no tour, acabou sentado no sofá de Serra.

A condição de fugitivo de T.S., ignorada por Serra, só foi descoberta no dia seguinte à visita, quando o próprio T.S. fez a confidência a uma psicóloga do centro e a PM foi buscá-lo para levá-lo de volta à Febem. A administração agora estuda pedir sua liberdade assistida para que ele volte ao centro de referência.

T.S. foi embora chorando muito. Com 1m80, ele era visto pelo resto da turma como o "paizão". Y.R., 6, por exemplo, não desgrudava de T.S. durante o passeio.

Às 16h12, com duas horas de atraso, as portas do gabinete se abrem. Em fila, as crianças entram na sala. O pequeno Y.R. chega perto do prefeito. "Moço, o senhor é "mó" rico, hein?" "Não, não", diz Serra. "Nada do que está aqui é meu".

"Tio, é verdade que o senhor dorme aqui?", pergunta a garota A.L., 17. "Não dá pra ficar dormindo, eu trabalho muito", desconversa o prefeito (há alguns meses, Serra se deixou fotografar por um jornal ao lado de uma cama que mandou instalar no gabinete, para repousar à tarde).

"Me dá um DVD?", pede um dos garotos. "Fale com o Floriano [Pesaro, secretário de Assistência e Desenvolvimento Social]", responde Serra. "Tio, constrói um abrigo do lado do Centro de Santana?", diz A.L., 17. "Tem que falar com o Floriano." "Eu queria fazer cursos de moda e computação", pede V.A., 16. "Fale com o Floriano", repete Serra.

V.A., que perdeu os pais vitimados pela Aids, adora desenhar croquis de vestidos. "Mas meu maior sonho da vida é trabalhar com computador, na Microsoft", diz. As ambições da garotada são muitas, e variadas. D.A., 15, por exemplo, sonha ser "médica obstetra". "Eu já fui grávida, sabia?", conta. "De gêmeos." A gestação foi interrompida depois de um tombo numa escada.

A visita dura 16 minutos. Nos corredores da prefeitura, a turma encontra outro grupo de crianças passeando. Para muitos, é um momento de reencontro. "Menina, achei que você tivesse fugido", diz à A.L. uma ex-colega de orfanato. "'Agora "tô" morando em Santana. Me dá seu e-mail para a gente se falar." Graças à internet, acessada pelas crianças em telecentros públicos, ficou mais fácil contatar ex-amigos de orfanatos e abrigos.

A jovem L.E., 17, que fugiu de casa porque "apanhava muito", tem até

cadastro no Orkut. Seu perfil virtual: mora "com meus pais". Onde: "No Havai". Visão política: "Conservador de direita". Comunidades: "Chaves & Chapolin", "Gaviões da Fiel", "Eu Amo Meus Amigos", "Brasileiros -Nunca Desistimos". Na vida real, dos orfanatos e centros de referência, L.E. é outra pessoa. "Amo música black. Fiz cursos de panificação e auxiliar de escritório. Quero muito arrumar um emprego e poder pagar um quarto pra mim", diz.

Próxima parada: a mostra Dinos na Oca, no Ibirapuera. As crianças podem tocar em quase tudo e se divertem muito. Passam batido pela lojinha de souvenir, onde uma miniatura de dinossauro custa até R\$ 20.

Às 18 hs., as Kombis transportam as crianças de volta ao centro de Santana, onde elas passarão mais alguns dias à espera de um destino. Algumas serão encaminhadas a orfanatos, outras a suas casas, numa tentativa de readaptação com os pais. É provável que algumas acabem nas ruas de novo. Viver não é preciso -no caso delas, nada preciso. A.L. foi criada em orfanato. Aos 14 anos, foi adotada. Aos 16, mandada embora da casa dos "pais" e devolvida à Justiça. Hoje ela tem 17. No próximo ano, perderá o direito de ficar em centros ou orfanatos. Será a responsável por sua própria vida.

cadastro no Orkut. Seu perfil virtual: nota "com meus pais". Onde: "No Brasil".
 Visão política: "Conservador de direita". Comandados: "Chaves e Garçon", "Gavões da Fiel", "Eu Amo Meu País", "Brasilianos".
 "Uma Gestação". Na vida real, dos orfanatos e centros de referência, L.B. é outra pessoa. "Amo música Black. Fiz cursos de pintura e aulas de esportes. Quero muito atuar no esporte e poder pagar um quarto pra mim", diz.

Próximas paradas: a norte Dinos na Oca, no Ibirapuera. As crianças podem focar em passear tudo e se divertir muito. Passam batido pela loja de souvenirs, onde uma miniatura de dinossauro custa até R\$ 20.

Às 18 h., as Kombis transportam as crianças de volta ao centro de Santos, onde elas passam alguns dias à espera de um destino. Algumas serão encaminhadas a orfanatos, outras a suas casas, numa tentativa de reabilitação com os pais. É provável que algumas saiam nas ruas de novo. Viver não é preciso - no caso delas, nada preciso. A.L. foi criada em orfanato. Aos 14 anos, foi adotada. Aos 16, mandada embora da casa dos "pais" e devolvida à Justiça. Hoje ela tem 17. No próximo ano, perderá o direito de ficar em centros ou orfanatos. Será responsável por sua própria vida.